

Democracia ou totalitarismo?

O duplipensamento do romance *1984* (George Orwell) aplicado em nossos dias

Depois que descobri em mim mesma como é que se pensa, fazendo comigo mesma negociatas, nunca mais pude acreditar no pensamento dos outros.

Clarice Lispector, *A descoberta do mundo*.

Autor: Peter Eduardo Larrubia Berbereia
Graduando do 4º período do curso de Letras (Português/Literaturas) pelas Faculdades Integradas Campo-grandenses
larubiapam@yahoo.com.br

Resumo:

O presente artigo busca entender o conceito *duplipensamento* como ferramenta de controle e poder à luz da narrativa do livro *1984* (George Orwell) e seu contexto ficcional. Será analisado, também, conceito análogo na psicologia social chamado “dissonância cognitiva”, para se basear a tese de que o *duplipensamento* é próprio do humano e pode se manifestar em nossos dias, mesmo que a realidade, ou percepção dela, seja muito diferente da representada no livro. Para isso, vamos nos valer de duas peças publicitárias do governo federal e uma legenda de um grande telejornal. Como suporte teórico serão utilizados, principalmente, as obras do Prof. Dr. em Letras Evanir Pavloski e do psicólogo social Leon Festinger.

Palavras-chave: Duplipensamento; 1984; George Orwell; Dissonância cognitiva.

Abstract:

The present article seeks to understand the concept of doublethinking, as a tool of control and power, by the light of the narrative of the book *1984* (George Orwell) and its fictional context. An analogous concept in social psychology called "cognitive dissonance" will also be analyzed to base the thesis that the doublethinking is prosperidade of the human being and can manifest itself in our own day, even if our reality, whether it is knowledge of it, is very different of

the represented in the book. For this, we will use a part of the federal government's public services and a legend of a great television news. As the theoretical support is used, mainly, as works of Prof. Dr. Evanir Pavloski and the social psychologist Leon Festinger.

Key words:

Doublethinking; 1984; George Orwell; cognitive dissonance.

INTRODUÇÃO

Em seu romance intitulado *1984*, o escritor inglês George Orwell (1903-1950) nos defronta com um intrigante conceito chamado duplipensamento. Esse conceito traduz-se no ato mental de assimilar e aceitar, ao mesmo tempo, duas ideias totalmente opostas.

Duplipensamento significa a capacidade de abrigar simultaneamente na cabeça duas crenças contraditórias e acreditar em ambas. (ORWELL, 2017, p. 252).

Mas como isso seria possível? Que tipo de condições estariam em jogo para dar suporte a esse fenômeno? Existe uma raiz psicológica para tal conceito ou se trata apenas de uma ferramenta narrativa? E, se existe um suporte científico, esse fenômeno poderia ocorrer em nossa realidade e em nossos tempos?

Para responder tais questionamentos, o artigo será dividido em quatro partes. Na primeira, faremos um rápido apanhado da realidade histórica extratextual que serviu como solo para a construção da narrativa. Na segunda parte vamos nos aprofundar no conceito do duplipensamento como apresentado pelo autor. Na terceira, buscaremos bases na psicologia para entendimento do conceito e sua consistência extratextual. Por fim, mostraremos que essa ferramenta de controle não é exclusividade dos tiranos do romance, fazendo-se presente, até mesmo, em nosso mundo atual.

1. CONTEXTO HISTÓRICO E UNIVERSO FICCIONAL

1984 foi escrito no final da década de 1940, logo após os horrores da segunda guerra mundial. Seu autor, George Orwell, pseudônimo de Eric Arthur Blair, nascido em 1903 na Índia dominada pela Grã-Bretanha, conviveu com os horrores do colonialismo e vivenciou a Guerra Civil Espanhola onde lutou ao lado do partido operário contra o governo do ditador Franco. Foi contemporâneo também da Primeira Grande Guerra (1914-1918) e da Revolução Russa (1917).

A Europa, e o mundo da década de 1940, viviam a cruel desilusão do sonho positivista. Os avanços da ciência, da razão e da tecnologia, a esperança de que todos os fenômenos naturais e humanos poderiam ser explicados, a expectativa de que todos os males da humanidade poderiam ser curados e de que uma espécie de boa-venturança eram questão de tempo, foram esmagados por dois grandes conflitos de nível mundial, pela angústia do homem moderno que caminhava para o desamparo pós-moderno e, pela ascensão de ditadores em pele de governantes que implementaram o totalitarismo e a violência através do discurso da igualdade. É nesse solo, seco de esperança, que brotaram as grandes distopias literárias do século XX: *Nós* (Eugene Zamyatin), *Admirável mundo novo* (Aldous Huxley) e *1984* (George Orwell).

O mundo distópico de *1984* é dividido em três superpotências. Esses blocos vivem em constante guerra. Mesmo que seja uma guerra limitada a um pequeno espaço geográfico e que serve mais para incutir medo e paranoia aos cidadãos (pessoas amedrontadas produzem mais e perguntam menos). Deste então, a Oceania, país onde se passa o enredo, foi politicamente dominada pelo que se chama de o Partido, e seu líder, o Grande Irmão.

O Grande Irmão é o governante maior da sociedade oceânica. Nunca se vê esse líder em carne e osso, tudo o que a população tem acesso são centenas de milhares de pôsteres gigantes de um rosto com a frase “O Grande Irmão está de olho em você”. Como o protagonista Winston Smith mesmo pondera, o mais provável é que o Grande Irmão não exista. É certo que ele seja apenas uma imagem, uma personificação para ser adorada e temida. Afinal de contas, é mais fácil amar e seguir uma pessoa do que uma instituição.

Os cidadãos vivem sob um regime totalitarista brutal, que inclui perseguições, torturas, desaparecimentos, enforcamentos em praça pública e um sistema de vigilância vinte

e quatro horas por dia em locais públicos e privados, inclusive dentro dos lares, através de um aparelho chamado Teletela que, além de transmitir propaganda do governo, também é capaz de filmar imagens e captar sons.

Um ritual importante no mundo de *1984* é conhecido como Dois minutos de ódio. Ele consiste na exibição, em uma enorme tela, do pior traidor do Partido chamado Emmanuel Goldstein. Este teria sido um dos camaradas que fundaram o Partido, mas que em dado momento abandonou seus ideais, passando a sabotá-lo. No telão são exibidas imagens em que Goldstein crítica o Partido, mostrando didaticamente tudo o que este faz para controlar as pessoas. Conceitos como liberdade individual, o fim da guerra e liberdade de imprensa são proferidos no discurso de Goldstein. É interessante notar que o Partido não se esforça em esconder esses conceitos, mas atrela-os diretamente ao traidor, ao vil, ao conspirador, ao demoníaco Emmanuel Goldstein.

Automaticamente tudo o que pertence ao campo semântico de palavras como liberdade e direitos conecta-se ao pensamento-crime (vocábulo do novo idioma criado pelo Partido, a Novafala), e liga-se ao que é repulsivo, perigoso e indesejável. Isso é possível graças às técnicas do duplipensamento aprendidas desde criança que doutrina a mente do cidadão a aceitar as verdades do Partido como únicas mesmo que elas sejam contraditórias e absurdas. A reação da audiência ao vídeo é uma sequência crescente de vaias e xingamentos. As imagens e sons são editadas de uma forma a levar a audiência a uma histeria coletiva, uma catarse grupal de raiva, frustração e ódio visceral. No clímax da agitação, quando as gargantas quase rasgam e os rostos estão vermelhos de berrar, é exibida a imagem do Grande Irmão: grandioso, benevolente, sábio, acolhedor, aquele que guia para a verdade. A histeria raivosa se transforma em adoração cega e profunda.

Outra ferramenta de controle criada pelo Partido, citada acima, é a Novafala. Trata-se de uma nova língua feita para substituir a corrente. Seu objetivo principal é destruir o maior número possível de palavras e diminuir sentidos, limitando os campos léxicos e semânticos a tal ponto que, em um futuro próximo, será impossível formular uma frase sequer de ataque ao Partido e à sua ideologia.

Portanto, toda a trama gira em torno de aparatos de poder e seu uso a fim do controle da individualidade.

2. O DUPLIPENSAMENTO

Dentro de todas essas ferramentas utilizadas pelo Partido as mais importantes são a Novafala e o duplipensamento, no entanto, a segunda é a mais intrigante. Os outros dispositivos dão base para que o duplipensamento exista. Mas o duplipensamento dá as condições fundamentais e essenciais para que todas as ferramentas funcionem em sua plenitude.

Já entendemos que a realidade da sociedade oceânica é absurdamente opressiva, totalitária e violenta. Não há o menor espaço para comportamentos heterodoxos e, contestações e reivindicações não são apenas impossíveis, como nem passam pela mente da população. Pelo menos não que se saiba. E é esse o ponto central e o objetivo final pretendido pelo Partido: o controle sobre a mente das pessoas. O partido não busca que os cidadãos aceitem as regras resignadamente, a intenção é que elas amem o Grande Irmão, vivam o Partido. E o duplipensamento é o que torna isso possível.

Em uma de suas caracterizações mais contundentes, o conceito é definido da seguinte forma:

Dizer mentiras deliberadas e ao mesmo tempo acreditar genuinamente nelas; esquecer qualquer fato que tiver se tornado inconveniente e depois, quando ele se tornar de novo necessário, retirá-lo do esquecimento somente pelo período exigido pelas circunstâncias; negar a existência da realidade objetiva e ao mesmo tempo tomar conhecimento da realidade que negamos – tudo isso é indispensavelmente necessário. Mesmo ao usar a palavra duplipensamento é necessário praticar o duplipensamento. Porque ao utilizar a palavra admitimos que estamos manipulando a realidade; com um novo ato de duplipensamento, apagamos esse conhecimento; e assim por diante indefinidamente, com a mentira sempre um passo adiante da verdade. Em última instância, foi graças ao duplipensamento que o Partido foi capaz – e, até onde sabemos, continuará sendo por milhares de anos – de deter o curso da história. (ORWELL, 2006, p.252).

Desde que nasce o sujeito é educado para aceitar o discurso do Partido como único, verdadeiro e inexorável. Desde a alfabetização o cidadão passa por uma lavagem cerebral, aprendendo unicamente a aceitar e idolatrar o Partido. Com o crescimento, até mesmo a fase adolescente dos desarranjos hormonais não escapa da homogeneização, direcionada para as

atividades paramilitares de adoração ao Partido e ódio contra os estrangeiros e Goldstein. Todo tempo que possa ser vago é preenchido pelas atividades em grupo, limitando o espaço de divagações solitárias apenas para o momento de dormir. As ações de espionagem são alimentadas e estimuladas entre as pessoas reforçando o estado de paranoia. As forças de controle, portanto, não são exercidas apenas de cima para baixo, do governo para os cidadãos, mas também de forma horizontal, entre os próprios cidadãos. Um dos amigos de Winston é dedurado pela própria filha porque ele teria dito palavras contra o Grande Irmão durante o sono. E o pior, ele agradece à filha por tê-lo levado à prisão. Portanto, não há só a violência externa moldando a consciência das pessoas, mas também o instinto gregário e de pertencimento fortalecendo a ortodoxia. Fora do partido o cidadão não é nada, ele não existe.

Outra definição de duplipensamento dada pelo autor:

Saber e não saber, ter consciência de completa veracidade ao exprimir mentiras cuidadosamente arquitetadas, defender simultaneamente duas opiniões opostas, sabendo-se contraditórias e ainda assim acreditando em ambas; usar a lógica contra a lógica, repudiar a moralidade em nome da moralidade, crer na impossibilidade da democracia e que o Partido era o guardião da democracia; esquecer tudo quanto fosse necessário esquecer, trazê-lo à memória prontamente no momento preciso, e depois torná-lo a esquecer; e acima de tudo, aplicar o próprio processo ao processo. Essa era a sutileza derradeira: induzir conscientemente a inconsciência, e então, tornar-se inconsciente do ato de hipnose que se acabava de realizar (ORWELL, 2006, p.48).

Compreende-se que nas circunstâncias fictícias do romance, o conceito do duplipensamento possa funcionar perfeitamente. A arte atua mesmo como essa lente de aumento que, através do exagero, joga luz sobre ideias e fatos que muitas vezes passam despercebidos. Mas de onde George Orwell tirou a ideia? E o mais importante, ela seria verificável no mundo real?

3. A CIÊNCIA DO DUPLIPENSAMENTO

George Orwell começou a formular a ideia do duplipensamento quando percebeu a cegueira seletiva de seus companheiros socialistas ao continuar defendendo o regime de Stalin mesmo depois de todas as barbáries cometidas pelo ditador. Havia um esforço, um exercício mental, no sentido de conciliar ideias contraditórias, de juntá-las em uma única esfera de pensamento, e sutilmente, num artifício quase inconsciente, suprimir fatos e ressignificá-los segundo, não a razão, mas a vontade, e assim, encontrar uma espécie de apaziguamento mental. Portanto, a raiz desse conceito teve origem em nossa realidade.

Mas é na psicologia social de Leon Festinger que se encontram as bases científicas da possibilidade do duplipensamento em nossa realidade diária. Festinger (1919-1989) começa suas pesquisas ao infiltrar-se em um grupo religioso apocalíptico.

Ele fingiu-se de crente e sua intenção era estudar de perto as reações e argumentos quando o mundo não acabasse, como era previsto pelo líder da seita. Quando a hora do fim do mundo chegou, e o mundo continuou intacto, ao invés do grupo abandonar as crenças, eles se agarraram com mais força ainda às suas ideias, afirmando que o mundo acabou, sim, mas de uma maneira diferente da que esperávamos. Ou seja, eles ignoraram os fatos empíricos em nome de crenças mentais. Essa observação foi a base dos estudos do fenômeno ao qual Festinger viria chamar Dissonância Cognitiva. A dissonância cognitiva se dá quando um sistema de crenças e conhecimentos entra em conflito com a realidade ou com outros sistemas de cognitivos.

A vida é, em si, feita de contradições. Estamos o tempo todo expostos a ideias e situações que trazem conflito. Desde os exemplos mais simples e inofensivos como “a vida é longa e curta ao mesmo tempo”, até dilemas morais do tipo: levantar a voz contra injustiças sofridas no trabalho e correr o risco de perder esse emprego ou, acovarda-se e manter o contracheque? A teoria da dissonância cognitiva trata justamente do apaziguamento que a mente tenta fazer o tempo todo a cerca de conflitos gerados pelo encontro de ideias divergentes entre si. Para o psicólogo Leon Festinger, o cérebro pode encontrar três tipos de saídas para tais dissonâncias:

Consonante – O sujeito tenta adicionar informações ao sistema cognitivo buscando uma consonância entre ideias e fatos.

Dissonante – O sujeito tenta substituir suas crenças, opiniões ou comportamentos arbitrariamente, ignorando a realidade. Ou, molda a realidade às suas crenças.

Irrelevante – o sujeito simplesmente tenta esquecer, ou reduzir, a importância das cognições ou fatos que mantêm a dissonância.

No caso dos habitantes da Oceania não é difícil perceber que a solução alimentada constantemente pelo Partido desde a mais tenra infância é a das saídas irrelevantes e dissonantes, onde o sujeito busca não racionalizar sobre a situação, procurando o esforço zero ao simplesmente aceitar o que o Partido coloca como verdade, ou, troca cegamente um modelo cognitivo por outro. Mesmo que isso implique o Partido dizer em um dia que a ração semanal de chocolate diminuiu de trinta para vinte gramas, e em menos de vinte quatro horas depois afirmar que ela, na verdade, aumentou de dez para vinte gramas. Ou, dizer que a Oceania estava em guerra com um país e, no dia seguinte, afirmar que ela sempre esteve em guerra com outro.

O duplipensamento, portanto, encontra apoio em um fenômeno psíquico de defesa próprio do ser humano e amplamente estudado e confirmado pela psicologia. O mais interessante é que George Orwell escreveu *1984* no final da década de 1940, e o psicólogo Leon Festinger só publicou seus estudos dez anos depois no livro intitulado “*A teoria da dissonância cognitiva*”, em 1957.

4. A CONTEMPORANEIDADE DO DUPLIPENSAMENTO

Visto o duplipensamento como um fenômeno psíquico intrínseco ao ser humano e utilizado como ferramenta de controle em uma sociedade de caráter totalitário, é possível identificar o aparecimento, ou o uso, dessa ferramenta em nossa realidade e em tempos atuais?

Diversas são as analogias que podemos fazer entre os conceitos e criações de Orwell em *1984*, e os acontecimentos e invenções desde a escrita do livro até nossos tempos. Exemplos não faltam para ilustrar o gênio intuitivo do escritor, tanto de apreender dados do passado e do universo a sua volta, como de predizer situações e invenções futuras.

Os pôsteres do Grande Irmão podem ser identificados com os do Tio Sam. Salienta-se que a imagem americana é anterior, portanto deve ter servido como inspiração, mas a figura de uma imagem individual, carismática, onde a população pode refletir sua adoração, é o protótipo de todo líder populista que viria desde então até nossos dias. E a personagem de Emmanuel Goldstein pode ser comparada facilmente com inimigos criados para ódio coletivo, como foi o caso de Osama Bin Laden que, até hoje ninguém sabe quem foi de verdade ou, se realmente morreu. Os Dois minutos de ódio, momento de histeria coletiva intensa recheada de raiva, compara-se ao ódio destilado diariamente em comentários e debates virtuais e em ambientes de redes sociais. A bipolarização da política, como no embate *direita x esquerda*, a redução simplista das ideias gerando ódio e alienação; a cegueira e a ignorância como fonte de força para argumentos, o radicalismo e a intransigência, o esmagamento do pensamento individual, tudo isso também estava entre a população de 1984 como está na nossa. O estado de guerra perpétuo do livro é comparável à política belicista norte-americana e ao eterno sentimento de alerta e paranoia vivida por aquele povo.

A Novafala como projeto de dominação através da educação é o nosso governo e seu programa de embrutecimento intelectual do povo brasileiro através do sucateamento das escolas. É diminuir a capacidade crítica através do cerceamento vocabular e semântico, não incentivando um bom letramento literário, construindo o que Ingedore Koch (2003) chama de sujeito assujeitado. Quem controla o passado controla o futuro, diz um dos lemas do Partido, e seria coincidência o atual governo querer tirar a obrigatoriedade da disciplina de história do ensino médio? Sobre as teletelas, as comparações são óbvias. Hoje, não só convivemos com a vigilância contínua em espaços públicos e dentro de nossas próprias casas, como fazemos questão de oferecer, não só nossas imagens, mas tudo o que pensamos e sentimos nas redes sociais. E vale ressaltar um alerta que a empresa Samsung lançou no ano de 2015 dizendo para as pessoas terem parcimônia, pois suas Smart Tvs são capazes de gravar tudo o que é dito perto dos aparelhos quando a opção de comando por voz está ativada.

Diante desse quadro comparativo entre a realidade ficcional e a extratexto, e após o entendimento da raiz psicológica do termo duplipensamento, pode-se analisar duas peças publicitárias do atual governo federal representado pelo PMDB (Partido do movimento democrático brasileiro) e uma legenda de telejornal através da ótica do conceito lançado por Orwell.

Na primeira imagem do anexo 1 é preciso levar em conta a linguagem verbal e a não verbal. O texto é construído em claro tom de ameaça, onde restringe e condiciona programas de caráter social, como o bolsa família, financiamentos estudantis e construções de novas estradas a uma reforma no sistema de aposentadoria que, feita nos moldes que está sendo proposto, não tem aprovação da maioria população e, além disso, divide especialistas. Ao fundo, a linguagem não verbal sugere ambiente opressivo e instável, um ambiente de medo, caracterizados pelo tom escuro e o céu nublado.

Dois dias depois, em 04 de março de 2017, o PMDB lança o segundo cartaz. Nele, sobre uma foto de fundo que mostra um céu claro, e uma cidade iluminada e limpa, repousa um texto construído com base no otimismo, estruturado por verbos que dão a ideia de abundância e positividade: “aumentamos”, “ampliamos”. Esse texto afirma que os programas sociais foram melhorados e obras retomadas dentro do corrente governo federal. E no final do texto a frase: “A reforma da previdência vai garantir o futuro do Brasil”. A ordem das frases nessa segunda peça é importante. Pois, ora, se o governo já aumentou e ampliou os programas sociais e retomou obras, por que a reforma da previdência ainda se faz necessária, ou melhor, se faz condicionante desses programas e obras segundo ameaçava o primeiro cartaz?

A ordem do lançamento das peças também é fundamental. A primeira em tom ameaçador, a segunda, apenas dois dias depois, com tom otimista. Como se tivesse ocorrido um arrependimento do tom sombrio e a equipe publicitária resolvesse convencer através de otimismo e não da ameaça. Mas o ponto mais importante é o espaço de tempo entre os dois cartazes. A mudança repentina de tom e de abordagem evidencia não uma procura por discussão e entendimento do assunto, mas uma tentativa de convencimento a qualquer custo. Apostando na amnésia coletiva e na ignorância dos cidadãos.

Todas as características das saídas irrelevante e dissonante de dissonância cognitiva, usadas como ferramenta de controle – o que pode ser posto como uma definição do duplipensamento – está presente nessa manobra publicitária governamental. Valer-se de uma posição hierárquica mais alta de poder para impor fatos e conceitos totalmente duvidáveis e inconsistentes nada mais é do que aquilo que o Partido da Oceania praticava.

A imagem do Anexo 2 trata-se da legenda de um telejornal da Globo News. Enquanto a repórter discursa sobre o assunto, a seguinte frase aparece no canto inferior do vídeo:

“Recessão e desemprego derrubam inflação e devolvem poder de compra aos brasileiros”. Em uma primeira leitura é difícil entender o sentido da frase. Desemprego devolve poder de compra? Como isso pode ser possível? Parece a transformação de uma ideia negativa em positiva como em passe de mágica.

Para melhor entendimento, vamos dividir o período em suas duas orações. Primeiro: “Recessão e desemprego derrubam a inflação”. Com alguma boa vontade podemos entender que: desemprego provoca recessão, e por consequência o poder aquisitivo diminui, logo as pessoas compram menos, e ocorrendo menor demanda os preços diminuem, e com a diminuição dos preços a inflação cai. É estranho, mas factível.

Mas a segunda oração traz o maior paradoxo: desemprego leva à recessão, o que diminui o poder aquisitivo das pessoas, ou seja, isso *derruba* o poder de compra, e não *devolve* o poder de compra (desempregado não compra!). Como então duas ideias tão antagônicas, tão divergentes, tão contraditórias, podem conviver harmonicamente em uma mesma frase?

Algo não está explícito no texto e, só levando em conta relações de poder e controle, típicas da Oceania, podemos entender. As perguntas que devem ser feitas são: o desemprego e a recessão são de *quem*? E para *quem* foi devolvido o poder de compras? O que está escondido nas entrelinhas da legenda é que existem *dois* brasileiros dentro do Brasil: O que fica desempregado e sofre com a recessão, e aquele que se aproveita da queda dos preços para comprar mais e até lucrar com isso.

Essa legenda é uma pérola do duplispensamento digna do Grande Irmão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que causa o horror em nós (e também a permanência da obra de Orwell em nossos imaginários, inspirando livros, filmes, músicas e incontáveis trabalhos acadêmicos) é justamente o fato de que um romance distópico, com seu conteúdo futurista imaginativo extremamente radical e distante da nossa realidade, possa estar, ao mesmo tempo, tão próximo do nosso mundo. Como se num escorregão ou distração pudessemos nos encontrar

despidos de todos os nossos direitos mais básicos como nossa intimidade, nossa individualidade e o direito de afirmar as verdades mais simples.

O que mais assombra o imaginário coletivo é a autopercepção de que existe um desejo inerente ao ser humano de entregar sua liberdade pessoal em troca de algum conforto físico ou mental. Isso gera uma enorme angústia que vem do fato de que não há nada mais assustador do que perder nossa liberdade. Aldous Huxley, contrapondo Dostoiévski em *Os irmãos Karamazov*, afirma em seu *Regresso ao admirável mundo novo* que “Nada jamais foi mais insuportável para um homem ou uma sociedade do que a liberdade’. Nada, exceto a ausência de liberdade”(HUXLEY, 1989, p.110). Se apenas tivéssemos o medo de perder nossa independência por motivos externos, experimentaríamos medo, não angústia. A angústia profunda, que torna a obra de Orwell eterna, é que reconhecemos em nós mesmos o desejo de entregar nossa tão preciosa liberdade, desde que em troca recebamos um mundo seguro e previsível.

Como nota final, mesmo que não seja o objetivo do artigo listar os motivos que tornam nossa sociedade suscetível ao fenômeno do duplipensamento, nem apresentar diagnósticos, é possível apresentar um dos remédios para o combate desse fenômeno sob a ótica dos estudos de Leon Festinger e de estudos de linguística e literatura como obras de Ingedore Koch e Rildo Cosson. Uma das soluções seria construída pensando na saída consonante das dissonâncias cognitivas, ou seja: adquirindo e ampliando conhecimentos, aumentando a possibilidade de ligações cognitivas e de novos arranjos simbólicos, podemos lutar contra fenômenos opressivos oriundos de forças que tentam nos impor realidades contraditórias.

ANEXO 1:



Fonte: <https://g1.globo.com/politica/noticia/pmdb-muda-tom-sobre-programas-sociais-ao-defender-reforma-da-previdencia.ghtml> acesso em 01/05/2017.

ANEXO 2:



Fonte: <g1.globo.com/globo-news/jornal-globo-news/videos/v/foi-preciso-reprimir-a-economia-para-que-os-precos-caissem-diz-thais-heredia/5784135/> acesso em 01/05/2017.

Referências:

- BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz**. 8. ed. Rio de Janeiro: Loyola, 1999.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.
- FOUCAULT, Michael. **Microfísica do poder**. 2 ed. São Paulo: Graal, 1981.
- FESTINGER, Leon. **A teoria da dissonância cognitiva**. São Paulo: Zahar, 1975.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.
- HUXLEY, Aldous Leonard. **Admirável mundo novo**. São Paulo: Abril cultural, 1980.
- HUXLEY, Aldous Leonard. **Retorno ao admirável mundo novo**. São Paulo: Brasil Lisboa, 1989.
- KOCH, Ingerdore G. Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. 3. ed. Rio de Janeiro: Cortez editora, 2003.
- MCKEE, Robert. **Story**. 5. ed. Curitiba, PR: Arte & letra, 2006.
- MEDEIROS, Valério. **O grotesco em Baudelaire**.
<www.ciencialit.letras.ufrj.br/ensaios/novos_garrafa_2/ensaio_o_grotesco.doc> Acesso em 01/05/2017.
- MORE, Thomas. **A Utopia**. Rio de Janeiro: Martin Claret, 2002.
- ORWELL, George. **1984**. 32. ed. São Paulo: Cia das Letras, 2017.
- PAVLOSKI, Evanir. **1984 – A distopia do indivíduo sob controle**. Rio Grande do Sul: UEPG, 2014.
- ZAMIATIN, Eugene. **Nós**. São Paulo: Anima, 1983.